PRESIDENTE DO CONSELHO

Os órgãos publicitários, nacionais e estrangeiros, trouxeram imediatamente ao conhecimento público a notícia de que o Senhor Professor Oliveira Salazar fora submetido a uma intervenção neurocirúrgica — que se julgou conveniente e oportuna — em consequência duma queda na sua residência do Estoril.

Decorrida uma semana, acentua-se, nos meios competentes, a convicção de que o Chefe do Governo entrará em breve em franca convalescença. Também assim o esperamos.

O acontecimento, que surpreendeu a Nação, tem sido largamente descrito, com amplos títulos, nos jornais, e copiosa informação radiofónica e da T. V., seguindo os Portugueses, com o maior interesse, a evolução da doença do Senhor Professor Oliveira Salazar.

PINTER *e o realismo exasperado*

«O meu ponto de partida são pessoas em determinada situação. Não escrevo a partir de qualquer espécie de ideia abstracta. E não saberia o que é um símbolo, se visse algum.» — Harold Pinter.

ARTUR FINO

O teatro pinteriano não deixa por objectivar uma concepção de absurdismo-real. Não é difícil, digamos mesmo que não há a menor dificuldade, em identificar os seus personagens absurdo-reais do elementar quotidiano. E até **sacar** a sua comparticipação em determinada classe social.

Situando os seus personagens em locais **definidos,** Harold Pinter consegue, concretamente, universalizar situações que lhe definem uma originalidade jamais conseguida por outros cronistas de linha do «absurdo». Pinter chegou, talvez, onde outros não conseguiram: ao **outro lado do quotidiano.**

Aprofundando um mundo de **normalidade enfastiada.** Enfastiada até à exasperação.

Ele cria uma preocupação com a relação entre os seus personagens fechados, onde o mundo exterior é menos evidente. Mas nem por isso **impalpável.**

O comportamento entre os seus personagens revela a importância das relações humanas, sem menosprezar a implicidade da situação em si. Situação criada pela **des-humanidade** desses elementos (porventura jogados como únicos **símbolos,** porém caracterìsticamente humanos), colocados numa circunscrição espacial restrita. Esta **unidade** espacial, condicionada a uma compartimentação estanque, nem por isso deixa de transcender-se num universalismo

Continua na página três

M. LOPES RODRIGUES

«CLIMAS» TURÍSTICOS

De há anos a esta parte que o Turismo passou a constituir, sob os mais variados pontos de vista, um grande tema e um grande motivo. Por ele se interessam e preocupam os governos, os economistas, os industriais, os comerciantes, os escritores e os filósofos.

Ele resulta de um novo interesse psicológico e aliciante criado nas pessoas e nos povos para satisfazerem as suas ânsias de viajar, de descobrir, de conhecer, de se recrearem e descansarem... e para ele converge toda uma vasta gama de interesses e realizações, que se dispõem e organizam para proverem a esses múltiplos desejos que hoje constituem aquilo a que chamam «a civilização do ócio».

Turismo é, pois, um fenómeno de atracção e vida, que se processa sob o aspecto de «invasão» em demanda de outras terras e outras gentes — de novos ambientes e novos «climas» —, embora sob desígnios bem diferentes do temível significado que, geralmente, se dá àquela expressão.

Quando, em recuados tempos, os Hunos, os Vândalos ou os Godos investiam sobre a Gália, a Itália ou a Hispânia faziam-no sob pretextos de domínio, de expansão e sustento. Não há, que se saiba, quaisquer indícios, à luz da História, a revelar-nos que Átila ou Alarico viessem até nós em busca de melhores ares, melhores ambientes ou temperaturas. Este motivo, de carácter hedonista, iniciou-se, estabeleceu-se e definiu-se com o Turismo. Por esta circunstância, os curiosos ou descuidados turistas passaram a ser uns novos Alaricos ou uns novos Átilas desta nova era; mas, agora, desprovidos das suas arma-

Continua na página dois

Contributo para uma Mesa Redonda

DIÁLOGO OU VIOLÊNCIA?

JORGE SARABANDO MOREIRA

A pergunta é-nos sugerida pelo filme de Arthur Penn — «Bonnie and Clyde».

Para além duma linguagem ágil, fluente, acentuada pela destreza da câmara, acompanhando rigorosamente os movimentos dos protagonistas, o decorrer da acção sufoca e liberta, gela e abrasa, rompe e recupera o que em nós animava, ou suspendia, mas queimava como cansaço, um imenso cansaço, esta rotina asfixiante, este tédio, este fastio. O tempo percorre a pele, cobrindo-a dum óleo frio, viscoso, mole como o remorso impotente, o eco dum futuro que se adia, o protesto dos músculos retesados mas desarmados.

Mas eis que uma música estrangeira quebra a quietude do ar, uma luz indefinida estilhaça a opacidade que nos encerra, e nos move e arranca da cadeira; e a viagem, a aventura, o traço começa, e alucinadamente corremos, corremos... de mãos amarradas.

Diálogo ou violência? Pode o filme não conter o seu gérmen ou o seu ritmo. O que importa é que a questão silenciava no fundo de nós mesmos, e o balão de vidro, de vidro fosco, isso mesmo, explodiu. Que nos espera agora? Contestar, desmascarar, denunciar, despir

Continua na página três

CADA CABEÇA... SUA SENTENÇA

COORDENAÇÃO DE PINTO DA COSTA

A nossa referência para muitos pretensiosa, nesta secção, a uma breve estadia em terras do Nordeste português *(tenho uma quinta no Douro/que sustenta quem não come — como diz a cantiga), permitiu um merecido descanso a quatro voluntariosos aveirenses que não se viram compelidos ao amargo de boca de outras tantas respostas. Além de ter poupado canseiras ao sempre atento encarregado dos* Cartões de Visita *deste jornal que não deixaria de referir a ausência «do nosso apagado colaborador Fulano de Tal»... que pôs de pé o* Ovo de Colombo *e de pé o mantém à custa do suor dos outros... Suor dos outros que, desta vez com o seu quê de cheirinho a mosto, veio, pois, directamente importado da maravilhosa região duriense. Esse belo-horrível «País das Uvas» que a pena de João Sarabando, tão enraizadamente aveirense, nunca se escusou de exaltar em páginas que falam «da luta portentosa dos cavadores do Douro, a fim de arrancarem ao xisto, sob frios de morrer e calores de matar, umas gotas de vinho, do melhor vinho do mundo, para dele fazerem um naco de pão»... Páginas, afinal, só comparáveis às muitas que vem escrevendo incansàvelmente sobre a gesta do homem da Ria — que em muito este se compara, de verdade, aos heróicos cavadores do Douro: «Para que desabrochem os imacula-*

Continua na página três

Com Setembro — as costumadas frescas. Mas o Outono será, em Aveiro, — se não fugir à regra... — delícia de temperatura e de cor, parêntese a separar um simples prenúncio de frio da frígida realidade invernal. Agora, porém, anda a Ria, pelas manhãs, envolta em névoas — manto de mistério que o sol rasga para nos mostrar a Ria em seu policromo esplendor

FIM-DE-SEMANA

O comércio do concelho de Aveiro, não abrangido por disposições especiais, fica sujeito ao regime de «fim-de-semana», com encerramento aos sábados, às 13 horas, DURANTE TODO O ANO — conforme deliberação da Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 11 de Junho transacto, sancionada pelo Conselho Municipal. Assim, sòmente os estabelecimentos de venda exclusiva de artigos de mercearia — ou, quando mistos, com mercearia, tenham este ramo independente das demais secções, que deverão ser encerradas, — podem permanecer em funcionamento aos sábados, das 14.30 às 21 ou 22, horas de encerramento, respectivamente, para a cidade e para as áreas limítrofes.

EM TODO O ANO

"Climas" Turísticos

Continuação da primeira página

duras guerreiras e dos seus corcéis e apenas impulsionados por motivos de apetência pacífica e pessoal que, no seu conjunto, estabelecem movimentos migratórios periódicos, mais ou menos intensos, mas que não fazem perigar o substracto ou a epiderme das ordens políticas e nacionalistas dos povos que demandam e percorrem, contentes e felizes. Pelo contrário, são correntes humanas que se entendem, que se aproximam, se enlaçam e se completam sob as fronteiras abertas e acolhedoras dos hotéis e dos acampamentos postos à sua disposição.

A paisagem, humana e geográfica, mediterrânica e latina, exerce, hoje em dia, sobre os turistas, uma sedução especial. Por isso os nórdicos demandam novamente as terras do sul e do sol.

Quando, na antiguidade, Coracalha concedeu, a certa altura, a todos os homens que faziam parte do Império Romano — quer os da metrópole quer os da província — o título de «cidadão romano», reconhecia-lhes, por esta forma, uma situação de ordem psicológica e social, de aproximação e liberdade, para cujos efeitos não interessavam, pròpriamente, as razões de língua, de cultura, costumes e estilos de vida, que os distinguiam e caracterizavam.

Da mesma maneira, e dentro do mesmo conceito, tanto aos Ingleses como aos Dinamarqueses ou aos Suecos, nada se lhes opõe para que percorram as nossas estradas e convivam livremente entre si, como hóspedes de iguais regalias das nossas cidades, das nossas vilas e das nossas incomparáveis praias, que tanto os atraiem e cativam.

Mas, para além destes turistas, que demandam a riqueza da nossa paisagem, da nossa tranquilidade e a urbanidade do nosso acolhimento, há a juntar, também, de há anos para cá, outra espécie de visitantes, que igualmente merecem a nossa atenção e o nosso interesse: são os alunos dos «cursos universitários de férias para estrangeiros».

Independentemente da sedução que a nossa língua e a nossa cultura estão exercendo nas actuais e futuras camadas intelectuais dos outros povos, é de realçar o ambiente que encontram aqui os jovens desses países que vêm até nós frequentar esses cursos. Ao passo que as Universidades europeias e americanas se apresentaram, durante o Inverno e a Primavera, com uma fisionomia de intranquilidade — uma fisionomia candente e bélica — as nossas mostram-lhes uma fisionomia completamente diferente... e, felizmente, que esses universitários de Verão não vieram de longe até nós para exportar reivindicações estranhas, nem agitações, nem armamentos. São, assim, outra espécie de visitantes ou, mais pròpriamente, outra espécie de turistas, que não agressivos, dementados e intoleráveis «invasores».

O que lhes faltou nas suas Universidades durante o ano lectivo, em Paris, Roma, Madrid, Berlim, Rio de Janeiro, etc. — um ambiente pacífico e laborioso, dominado por uma sabedoria clássica e humana — vieram encontrá-lo em Lisboa e em Coimbra.

Perante tal panorâmica, ocorre-me neste momento à ideia o grande quadro de Rafael conhecido por «Escola de Atenas». Todo ele expressa, pela disposição das suas figuras, o ensino de uma disciplina de paz e de elevação humana. Aristóteles e Platão passeiam ali em amena convivência de colóquio. Zenan, preguiçoso, recebe o acalento tonificador do sol junto a um pórtico. Euclides, estirado e debruçado no solo, resolve problemas de Geometria, desenhando, com o seu dedo, arabescos na areia. Tudo aquilo se assemelha mais a um folgar na praia do que ao ambiente austero de uma aula ou, mais pròpriamente, a um descontraído mas profícuo curso de Verão.

Também nisto a comparação e a ilação se revestem de toda a acuidade e de todo o significado actual deste tipo de turistas que todos os anos nos visitam e a quem sempre também damos as boas-vindas.

M. LOPES RODRIGUES

Tribunal Judicial da Comarca de Anadia

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que pela 1.ª Secção do 1.º Juízo desta comarca e nos autos de acção ordinária de divórcio que Antónia de Jesus ou Antónia de Jesus Alegre, doméstica, residente no lugar de São João de Azenha, freguesia de Sangalhos, desta comarca, move contra seu marido Frank dos Santos ou Francisco dos Santos, operário, ausente em parte incerta dos Estados Unidos da América e com a última residência conhecida no lugar e freguesia de Vera-Cruz, da comarca de Aveiro, correm éditos de TRINTA DIAS, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anúncio, citando aquele réu para, no prazo de VINTE DIAS, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito na acção e que consiste em ser decretado o divórcio entre autora e réu, com fundamento no adultério e abandono do lar deste, encontrando-se o duplicado da respectiva petição nesta secção, que se entregará quando o solicitar.

Anadia, 13 de Julho de 1968

O Escrivão de Direito,

Joaquim Rodrigues Maduro

Verifiquei:

O Juiz de Direito do 1.º Juízo,

Roberto Ferreira Valente

Litoral — Ano XIV — 14-9-68 — N.º 723

Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

dos e rebrilhantes montes de sal — fortuna de tantos, sobretudo dos intermediários — , como se torna necessário que a água salgada mais salgada seja pelo suor dos marnotos e moços, a quem o branco sal sempre vai dando, aliás, um matreco de pão negro»...

Bem o sabe João Sarabando: «quando o sal torna as marinhas floridas», também o sol, no Douro, torna as uvas maduras. Sòmente que da Festa das Vindimas no Douro, sabemos todos. Mas da Festa do Sal em Aveiro, quem nos dirá?!...

A pergunta da semana não foi esta, evidentemente. Em terras durienses a armadilha foi outra. Ali estendemos a nossa rede. E na rede caíu também um magnífico exemplar de Joaquim Benite, repórter do «Diário de Lisboa» já com folha de serviços na região de Aveiro, e que para o Douro nos mandou a sua resposta.

— SE JÁ FOI A AVEIRO, DIGA-NOS: QUE IMPRESSÕES TROUXE DE LÁ? NUNCA TENDO IDO, QUE IDEIA FAZ DA TERRA E DAS SUAS GENTES?

UM INDUSTRIAL DE TIPOGRAFIA

Estive em Aveiro, pela primeira vez, em 1947, quando as casas da avenida eram só dum lado e talvez menos ainda do que os poucos dentes que me restam... Além da barriquita de enguias e dos célebres ovos moles, trouxe de lá, como recordação, uma perna cheia de reumatismo... As especialidades, claro, comeram-se logo (e eram de chorar por mais!), mas o reumatismo ainda cá anda!... Se desisti? Não desisti, não senhor. Ainda o ano passado lá passei com a família e... estive cerca de duas horas à espera que nos servissem uns bifitos!... Claro que Aveiro não é só isto... Até as grandes capitais, como os grandes países, têm as suas pequenas nódoas. No melhor pano elas caem, e a região de Aveiro é, de facto, *boa fazenda!...*

UM AGENTE COMERCIAL

Bem sabes que todos os meses lá bato com os ossos. Aveiro é um grande centro, na verdade, mas não vais querer que eu repita no jornal o muito que se tem dito de bem sobre a Cidade dos Canais... Por falar em canais, é pena que a Ria, no centro de Aveiro, seja uma grande fossa descoberta. Desculpa se firo o teu bairrismo de importação — bairrismo, ou aveirismo, que até nisso «vocês» são diferentes e... melhores por terem erguido uma grande cidade em pouco tempo!... Os acessos a Aveiro é que são maus. A Variante? Sim, a Variante foi um grande passo, mas olha que os acessos dentro da cidade também não são grande coisa. Certas ruas terminam quando menos o esperamos... Quais? Deixa ver: Aquela que vai do Jardim às Cinco Bicas, onde um bonito prédio tapa o caminho para o Bairro do Liceu. Outra, é a que parte da Avenida e poderia «enfiar» até ao braço de Ria que tem uma linha férrea. Chama-se Canal de São Roque? Tu é que sabes... Muito mal tratadinho, diga-se de passagem. Ainda outra? Tens razão, não há duas sem três, mas agora não me lembro... A verdade é que algumas ruas viram, de súbito, para a esquerda, para a direita, fazem cotovelo, não furam paredes... Há poucos «rasgos» como o da Avenida principal! Mas como nunca deixei de ver melhoramentos em Aveiro, natural é que esses «rasgos» surjam de um momento para o outro... Ouve: e que me dizes das obras cá do burgo, ou já te esqueceste que és destas bandas?!... Ainda nada disse sobre as gentes de Aveiro? Pois acrescenta lá que tenho as melhores impressões. Gente afável, muito tu cá, tu lá, muito ciosa e liberal. Um pouco parada, hoje mais do que ontem, talvez... Ainda assim atenta ao que se passa no mundo... Mas não digas a ninguém que volto à cidade no dia 3...

UM CAUTELEIRO

Da terra do cuco? Cuco da Maia, cuco de Aveiro, quantos anos me dás solteiro?... Realmente, nunca fui à Veneza de Portugal... Sou para aqui um bicho de buraco, um aleijado... Ou antes, já lá passei de comboio numa noite de grande invernia. Não vi nada, claro... Mas oiço dizer maravilhas da Ria e conheço algumas pessoas de lá. Tudo boa gente, sim senhor... Talvez por causa disso, leio tudo o que os jornais publicam a respeito de Aveiro, quer dizer: o noticiário. E sabe uma coisa? Últimamente, ando cá a pensar se não haverá crimes e desastres a mais em Aveiro! É que os correspondentes quase não falam doutra coisa... Muito trânsito e muita ambição, não é?... Não me importava de ir para lá... Que diz, arranja-me um emprego, arranja? Também engraxo, se for preciso...

UM JORNALISTA DE LISBOA

Guardo de Aveiro a recordação de uma cidade de água e luz. O espectáculo da Ria, único no nosso País, deixou-me uma profunda, inextinguível impressão: a da planície líquida e cruamente luminosa, envolvendo, não emoldurando, um povo rude e amável, primitivo e sagaz, frágil na aparência e entregue às mais pesadas e extenuantes tarefas.

Antes de ter visitado Aveiro, recentemente, no cumprimento de deveres profissionais, passara uma meia dúzia de vezes pela cidade, quase sempre em viagem para o Norte. A Ria — acerca da qual e através de Raul Brandão, possuía um conhecimento apenas livresco — nunca se me apresentara em todo o seu fascinante aspecto paisagístico, nem as relações existentes entre ela e os que habitam a região se me tinham revelado tão directas e tão decisivas.

Não pretendo, evidentemente, ter recolhido, nos dois ou três dias que passei em Aveiro, os elementos suficientes para a elaboração de uma imagem rigorosamente correspondente à realidade da terra. (Nem uma imagem desse tipo pode alguma vez encontrar-se, pois a realidade, em constante transformação, não é susceptível de ser apreendida em todos os seus aspectos contraditórios e complexos. Torna-se impossível falar da «alma de um povo», dos traços dominantes da sua caracterologia, como tantas vezes e tão levianamente se empreende). Mas a natureza do meu trabalho obrigou-me, ainda que apressadamente, a meter o nariz, digamos assim, em muitos aspectos da vida de Aveiro, a falar com muitas pessoas, de diversos sectores, a procurar colher informações que me permitissem, com alguma propriedade, *falar de Aveiro.*

Assim, nem o árduo trabalho das salinas, nem o que ainda sobrevive da faina dos moliceiros (que me interessa muito mais nas suas incidências humanas que nos aspectos pitorescos explorados pelo Turismo, em consequência daquilo que Fernando Lopes Graça definiu como a doença da «folclorite») nem a dura contribuição dos pescadores, me passaram despercebidos. Não me foi possível, evidentemente, profundar todos os aspectos destas actividades. Mas, ainda que superficialmente, pude aprender que o trabalho nas salinas se desenvolve de maneira antiquada, sem planificação e sem uma repartição justa do esforço de produção, o que se traduz não só na inexistência de condições de vida adequadas para os que nelas trabalham, como também na deficiente qualidade do produto; que o trabalho dos moliceiros se encontra relacionado com um tipo de pequena agricultura com escassas possibilidades de desenvolvimento e sem futuro económico; que o esforço (e tantas vezes a abnegação quase mística) dos pescadores está longe de poder considerar-se compensado.

De Aveiro recordo a afabilidade de todas as pessoas com quem contactei; a experiência humana que me foi proporcionada, numa simples conversa, por um trabalhador da região, antigo moliceiro, pescador e moço de salina; uma excelente caldeirada de enguias, comida num pequeno e modesto restaurante da Gafanha da Nazaré, com ambiente mais familiar que comercial e (vá lá, tinha de ser...) as visitas a alguns monumentos da cidade.

De Aveiro guardo ainda a recordação do conhecimento que fiz com o dr. Mário Sacramento, figura de grande relevo da cultura portuguesa, a quem há muito tempo admirava, como a maior parte dos jovens da minha idade, mas com quem nunca me fora dado conversar pessoalmente.

PINTO DA COSTA

PINTER e o realismo exasperado

Continuação da primeira página

que define o **seu** teatro. O espaço fechado, absorvente, quase hermético, revela-se como um refúgio que alberga a exasperação, o **impossível** situacional, a ameaça latente do desconhecido, o mistério do mundo exterior que faz perigar a integridade de um **mundo fechado,** criado por uma corrente social inautêntica. Então o homem, encurralado, busca a defesa do **seu** refúgio delimitado por um espaço modesto, onde se desespera obcessivamente na manutenção de um nada significativo de um **todo** que lhe resta.

Sempre o homem desnudo, envolvido pelo **frio** e pela **escuridão,** marginalisado por circunstâncias cruéis, aprisionado, por fim, na sua própria subjectividade. Inibido de alcançar o semelhante que o despreza.

Posto num enquadramento físico de exasperação (os personagens de Pinter movem-se e falam no ambiente delimitado de quatro paredes) o teatro pinteriano **obriga-nos** à observação incómoda de relações mútuas (que nos são afins), de situações aparentemente simples e triviais em princípio, mas que se adensam na proporção adicional do tempo, metendo-nos no conhecimento desse (do nosso) mundo comprimido, limitado, recalcado, falsamente vivente. Na realidade: **compressionado.** Sentimos então que o mundo que nos cerca, que está perto de nós, é, contudo, hostil, inacessível.

O teatro de Pinter **evita-nos** o desconhecimento — como espectadores passivos — desse sentimento de desespero diante da incapacidade do homem. Consciencializa-nos da realidade, das imagens pungentes, exasperadas, desta existência que é em si a raiz da própria exasperação, pela impotência do homem em **realizar-se.** Do homem que **espera diante do tempo** a consecução duma sociedade autêntica.

Pinter não nos **dá** soluções: dá-nos problemas. Problemas que nós temos obrigação de equacionar, de resolver. Nós, como representantes duma sociedade desumanizada de um mundo que não quer o entendimento, a compreensão; que despreza toda uma sentimentalidade humana em benefício de comodismos complacentes que teimosamente se mantêm e até se ampliam, para manutenção de ambições inconfessáveis.

Atingiremos nós, um dia, o tão desejado Godot? Ou permaneceremos eternamente esperançados, passivamente esperançados, como o velho Davies pinteriano de O Porteiro, a **preparar-se quotidianamente** para ir a Sidcup buscar os seus papéis de **identificação,** permanecendo, contudo, indefinidamente imóvel?

ARTUR FINO

Contributo para uma Mesa Redonda

Continuação da primeira página

— a começar por nós próprios.

1 — DA TECNOCRACIA À EMOTIVIDADE

«Cumpre ir mais ao fundo do que foi pensado, sentido e imaginado — há que reinventar o mundo submerso». Alberto Ferreira — «Ensaios na Primeira Pessoa», Vértice, Julho 1967, n.º 286.

Lentamente, o espírito tecnocrático invade tudo, invade-nos as casas e as nossas consciências, infiltra-se, vagarosa mas firmemente; elimina perguntas, fabrica respostas, mutila, determina. Os mais renitentes, os mais avisados — compra-os, apaga-os, suprindo de qualquer forma a brecha. E não há que escolher — voltando ao século XVIII, o «progresso é ineluctável». Acomodemo-nos, pois. Enxotemos as moscas, ajeitemos o corpo, descalcemos as botas, ah perdão ouvidos de cristal, os sapatos, e vamos tentar dormir. Mas, (que insensata palavra, sempre a atrapalhar, a comprometer o silêncio), os olhos doem da fixidez, e interrogam-se: estaremos cegos?, os sentidos, magoados pela linearidade dos gestos, protestam, revolvem-se, remexem. Qualquer coisa, sim, qualquer coisa se rebela, rompe as costuras da imobilidade, da monotonia, qualquer coisa diverge, desarmoniza. E contrapõe.

O que Dulce Rebelo dizia de uma personagem de Antonioni: «A sua nevrose ia ao extremo a que chega um ser humano obsediado pelas sirenes, pelo ruído, que abafa as vozes, *pela absorção intensa da mecanização conducente à perda do mundo das emoções*». («Meditação Sobre Antonioni», Vértice, Abril, Maio 1966, n.º 271/2). Saturado, é o que «ele», homem, está. Ah!, sim, respondem os senhores da cidade, o homem será o animal mais difícil de domesticar. Mas lá se irá, lá se irá.

E eis que nestas breves palavras se vislumbra, eis o que elas sugerem: que a sociedade tecnocrática, no seu revestimento científico — a cibernética, a informática, etc. — criará uma nova forma de escravatura, desvirtuando, mutilando o acto criador do homem, no que é mais autêntico e puro. Que a automatização absoluta do trabalho determinará, uniformizando a actividade humana, o pensamento, os gestos, para o que se buscará um contraponto — como fuga, como solução.

Torna-se claro, agora, o sentido profundo daquele texto que José Saramago publicou em «A Capital» de 25-7-68: «A Ilha Deserta». Desembarcados, cada um de nós, numa ilha deserta, «pelas demasiadas exigências ao comandante do barco» que nos transporta, recriamo-nos outro Quixote, outro Orfeu. Ufamo-nos de silêncio, do silêncio que antecipa, que desnuda, que fende. Algures, na ilha, o rugido dum animal feroz «que nunca vi», e a coexistência de Quixote «que faz rir e tem uma Dulcineia inexistente» e «Orfeu, que faz chorar e tem uma Eurídice morta». A ausência afoga, mas revivesce, lança um fio de esperança, pelo imprevisto, pelo indeterminado, pelo secreto.

Mas um dia uma caixa dá à costa e dentro, espanto dos espantos, o que havia de vir: «Um computador, um cérebro electrónico ou da família...». E o sopro que entumescia o peito, secou, e as mãos que floresciam em jogos sempre novos, endoideceram, tornaram-se, bruscamente, rígidas, mecânicas. «O pior é que a nossa bela anarquia acabou. Orfeu só podia chorar a certas horas, a avezita de D. Quixote foi acusada de transmitir a psitacose...//... e Sancho Pança teve de pôr de parte os provérbios e aprender inglês». Que o computador disse muitas coisas novas, mas... suspendeu a faísca. «Provou-me...//... que o homem...//... é apenas uma boa anedota, mesmo quando (ou sobretudo quando) chora, sofre, ri ou sonha. De maneira que morri. O computador lá continua. Mas eu tenho grandes esperanças. Se Dulcineia ganha corpo e Eurídice ressuscita, este mundo ainda é capaz de se tornar habitável...».

A opção aí está. Temos de negar para superar, temos de matar para ressuscitar. E com esta certeza. Que não há lugar para eclestismos. Quem supuzer o contrário é como se não falasse porque ninguém o ouve. E o cérebro electrónico podia zangar-se. Tempo é dinheiro... E também não há lugar para saudosos ais soltos à lua, ou queixumes doridos, o carrinho de bois tão singelo, e a ermida tão branquinha lá no alto do outeiro, ah não, já não há lugar, e muito menos para estes vagidos neogarrettistas: «Procurar a felicidade na fé e o sossego no instinto». Alberto de Oliveira dixit.

JORGE SARABANDO MOREIRA

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	M. CALADO
Domingo	AVENIDA
2.ª feira	SAÚDE
3.ª feira	OUDINOT
4.ª feira	NETO
5.ª feira	MOURA
6.ª feira	CENTRAL

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

A CIDADE

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi concedido pelo Fundo de Desemprego, à Câmara Municipal, a comparticipação de 89 200$00, para encargos com a execução de trabalhos de conservação permanente da rede rodoviária municipal.

● Foi aprovada superiormente uma alteração do esboceto do Anteplano de Urbanização de Cacia-Sarrazola, na parte que se refere à rectificação da Rua do Laranjal.

● Foi marcada para o dia 14 do próximo mês de Outubro, pelas 14.30 horas, na Sala das Reuniões da Câmara Municipal, a arrematação do direito de ocupação dos 3 estabelecimentos comerciais, sitos sob a esplanada, com frentes para a Rua do Clube dos Galitos, nas condições que se encontram patentes na Secretaria e conforme avisos que vão ser publicados.

● Foi encarregada uma firma da especialidade da execução dos trabalhos respeitantes aos ramais domiciliários, no aglomerado de Esgueira, uma vez que se encontra concluída a rede geral de saneamento.

● Foi aprovado o auto de recepção definitiva da obra de «E. M. 583-3 — Reparação do Lanço entre a E. N. 16 e a Entrada da Povoação de Mataduços — 2.ª fase».

● Segundo avisos já publicados, proceder-se-à, na reunião ordinária a realizar no dia 30 do corrente mês, pelas 14.30 horas, à arrematação dos lugares destinados à venda de castanha assada, em várias zonas da cidade.

● Foram apreciados 28 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 21 deferimentos, 4 indeferimentos e 3 informações.

PORTO DE AVEIRO

● ESTUDANTES DINAMARQUESES EM VISITA DE ESTUDO

No dia 24 de Agosto, um grupo de 24 estudantes do ensino técnico superior da Danmarks Tekniske Hojskole, de Copenhague (Universidade Técnica da Dinamarca), dirigidos pelo Prof. A. Hasle Nielsen, do Coastal Engineering Laboraty, visitou demoradamente todas as instalações do porto, manifestando o seu grande interesse pelos inúmeros problemas que envolvem o complexo portuário de Aveiro, muito especialmente os relativos ao funcionamento hidráulico da laguna e aos da barra e da erosão costeira, que se encontram em estudo.

● MOVIMENTO DE ENTRADAS

Entraram no Porto de Aveiro durante o mês de Agosto 21 navios, sendo 16 nacionais e 5 estrangeiros, com uma tonelagem de arqueação bruta total de 21 487 tAB, o que equivale a uma tonelagem média de 1 023 tAB por navio.

HONESTIDADE DE DOIS JOVENS AVEIRENSES

Os menores Augusto dos Santos Ascensão e João José da Rosa Naia, ambos de 12 anos, residentes, respectivamente, na Rua de Homem Cristo Filho e na Rua do Dr. Edmundo Machado, encontraram há dias, junto da paragem das camionetas da Auto-Viação Aveirense, na Rua do Clube dos Galitos, um porta-moedas, com a quantia de 2 383$10.

Num gesto digno dos maiores louvores, os dois jovens aveirenses imediatamente se apressaram a entregar na P. S. P. o seu precioso achado.

Mais tarde, esteve na Secretaria da P. S. P. a sr.ª D. Lídia de Jesus Rocha, residente na Gafanha do Areal, que viera a esta cidade efectuar diversas compras para o seu enxoval de noiva e ficara naturalmente aflita quando verificou que perdera o referido porta-moedas, que logo lhe foi entregue por se verificar que era a sua legítima dona.

COMPLETOU CEM ANOS A SENHORA EMÍLIA ROSA

No dia 6 do corrente, completou um século de existência a sr.ª Emília Rosa da Graça — talvez a mais idosa aveirense, da cidade e do concelho. Aveirenses, e da cidade, eram os seus progenitores e os seus avós.

A simpática velhinha nasceu, assim, rigorosamente, em 6 de Setembro de 1868, na Rua de S. Bartolomeu, precisamente onde viria passar estas últimas e triunfantes décadas da sua longa existência, após a viuvez e as múltiplas andanças por longes terras, onde era chamado a servir seu marido, um ferroviário de nome Filipe Moura, com quem se consorciara aos 18 anos.

O casal teve seis filhos, dos quais apenas é vivo o sr. Alfredo da Graça. A veneranda aveirense conta ainda três netos e numerosos bisnetos e trinetos, espalhados por esse mundo.

Foi baptizada na paroquial da sua freguesia — na Vera-Cruz — pelo virtuoso e famoso «Prior Passante».

A sr.ª Emília Rosa, querida em todo o bairro, como relíquia de exemplares virtudes, trabalhou de costura, enquanto pôde. Leva hoje a sua gloriosa velhice a recordar, com pronta e fidelíssima memória, fastos de outrora, sendo-lhe grato evidenciar os nomes de aveirenses notáveis, que conheceu: Manuel José Mendes Leite, o Conselheiro Manuel Firmino, Sebastião de Carvalho Lima, entre muitos outros. Recorda-se da Barra antes da construção do farol; do incêndio do convento de Sá, da visita a Aveiro de D. Luís e D. Maria Pia. E, todos os dias, encaminha os seus passos, seja Verão ou Inverno, para a igreja da sua paróquia.

Apenas duas doenças: um resfriamento e uma gripe — aquela há mais de setenta anos, esta há cerca de um ano.

As senhoras da Conferência de S. Vicente de Paulo, que consagram especial carinho à centenária aveirense, festejaram-lhe o aniversário, na companhia do pároco da Vera-Cruz, Rev.º Manuel António Fernandes: doces, prendas — e muita ternura. O sr. Aníbal Ramos, proprietário da conceituada Pastelaria Avenida, mandou confeccionar — e generosamente ofereceu — um bolo com... cem velas!

Que ao sr. Aníbal Ramos acresça — oportunamente, claro... — semelhante e generoso encargo de oferecer à sr.ª Emília Rosa um bolo de cento e cinquenta velas, são os nossos votos... para ambos...

NOVO SUPERIOR DA CASA DO SAGRADO CORAÇÃO

Tomou posse do cargo de Superior da Casa do Sagrado Coração de Jesus, em Esgueira, o Rev.º Padre Dino Gotardi, natural de Alessandria (Itália), que já esteve entre nós de 1960 a 1965, grangeando então inúmeras amizades em Aveiro.

QUEM PERDEU?

Durante o mês de Agosto, foram achados na via pública e entregues na Secretaria da P. S. P. de Aveiro os seguintes valores e objectos, que ali podem ser reclamados por quem provar que os mesmos lhe pertencem:

— Um molho de chaves; uma ceira com alicate; uns óculos graduados; uma chave tipo «yale»; uma chave tipo «yale» e um corta-unhas; selos fiscais; uma aliança e um livrete.

I «SEMANA WOOLMARK»

Hoje, pelas 20 horas, realiza-se no Restaurante Galo d'Ouro uma reunião promovida pela firma aveirense «Martins & Soares, Limitada», com o comércio local, no intuito de tornar conhecido o programa definitivo da *«I Semana Woolmark»* em Aveiro.

Estará presente um administrador do Secretariado Internacional da Lã.

TRÂNSITO NA CIDADE

Concluídas as obras do novo pavimento da Rua de Coimbra, que esteve algum tempo vedada ao trânsito, como oportunamente noticiámos, foi restabelecida a circulação de veículos (no sentido descendente, aliás o único agora autorizado) na referida artéria do centro da cidade.

MOVIMENTO DA LOTA

No mês de Agosto, a Lota de Aveiro registou considerável aumento de vendas (mais 600 contos do que em Julho). Foram transaccionados 720 209 quilos de peixe, que renderam 2 404 103$00 — a verba mais elevada do ano em curso.

O VOO DAS AVES

Na passada terça-feira, 10 do corrente, o sr. José Fernando Mendes Caldeira, desta cidade, abateu na Ria de Aveiro um fuselo, portador de uma anilha com a seguinte inscrição:

STAVANGER MUSEUM
7109600 — NORWAY

LUGARES PARA VENDA DE CASTANHAS ASSADAS

A Câmara Municipal vai pôr em arrematação, no próximo dia 30, diversos lugares para venda de castanhas assadas, durante o período de 1 de Outubro próximo a 30 de Abril de 1969, nas seguintes zonas da cidade: Rua de Sá, Largo da Estação (2), Praça 14 de Julho, Avenida do 5 de Outubro (2), Praça do Milenário e Largo de Santo António.

AMPLIAÇÃO DA CAPELA DE VILAR

Vai realizar-se, em 20 de Outubro próximo, em Vilar, um cortejo de oferendas, cujo produto se destina a contribuir para as projectadas obras de ampliação da capela daquele lugar.

EQUIPAMENTO PORTUÁRIO

Prosseguindo no seu propósito de proceder ao apetrechamento portuário de modo a satisfazer as crescentes necessidades do tráfego e a corresponder a cada vez maiores exigências, a Junta Autónoma do Porto de Aveiro abriu concursos públicos para a construção de um pavilhão aligeirado, para recolha de equipamento, no Forte da Barra, e para o fornecimento de um empilhador, com bases de licitação fixadas, respectivamente, em 400 contos e 6 250 escudos.

Ao Ex.mo ... Marinha

Que, no ...67, cerca das 20 ho... ...ortou — da Gafanh... ...ém para o Hospital ... — o sr. Manuel do... ...arramão e um meno... ...um acidente de ... ...ita-se o incómodo ... a sua identificaç... ...r. Carlos M. Candal ... do Governo Ci... ...VEIRO.

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE ESCRITORES AVEIRENSES

O Pelouro Cultural do Clube dos Galitos leva a efeito, no próximo mês de Novembro, uma Exposição Bibliográfica de Escritores Aveirenses.

Apenas estarão presentes as obras dos escritores natos ou radicados no concelho de Aveiro. Excepcionalmente, em representação do Distrito, figurarão as obras de dois dos seus mais eminentes vultos.

O Clube dos Galitos responsabilizar-se-á pelas obras entregues, a título de empréstimo, mediante recibo discriminado, efectuando, além disso, os seguros julgados convenientes.

Logo após o encerramento da Exposição, as obras serão prontamente devolvidas aos seus proprietários, que assinarão o documento da entrega.

Durante o período da Exposição, haverá um ciclo de conferências.

A recepção das obras terá lugar na sede do Clube, a partir do dia 20 do corrente, todas as noites das 21.30 às 23 horas, excepto aos sábados e domingos.

A Exposição Bibliográfica e o ciclo de conferências realizar-se-ão em local a indicar oportunamente.

NOVA PAVIMENTAÇÃO NA RUA DAS POMBAS

Estão em curso, em ritmo acelerador, obras de pavimentação, a betuminoso, na Rua das Pombas, em substituição do anterior piso, de calçada à portuguesa.

A referida artéria passará a ser mais funcional, permitindo melhores e mais rápidos acessos à zona do Hospital de Santa Joana Princesa e do Estádio de Mário Duarte, a todos os veículos provenientes da entrada-Sul da cidade.

VISITA DE NATIVOS DE ANGOLA, GUINÉ E S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Acompanhados pelo sr. António Jacinto Lima, da Agência Geral do Ultramar, estiveram de visita a Aveiro quatro nativos que recentemente foram galardoados pelos relevantes serviços que prestaram na luta contra o terrorismo; D. Farncisco Adão e Cassul Capulo, dembo de Pango Aluquém e ex-dembo da referida povoação, respectivamente, o segundo contando 104 anos de idade — ambos distinguidos com o «Prémio Governador de Angola»; Malan Ingai, chefe da povoação de Morocunda-Farin e Alferes de 2.ª linha, distinguido com o «Prémio Governador da Guiné»; e Miguel Leal Dias da Fonseca, distinguido com o «Prémio Pedo Escobar», pela acção que tem desenvolvido para o progresso, desenvolvimento e bem-estar das populações de S. Tomé e Príncipe.

BODAS DE DIAMANTE DA ESCOLA TÉCNICA

A Escola Industrial e Comercial de Aveiro comemorou recentemente, conforme na altura noticiámos, os seus 75 anos de devotado e profícuo labor, do qual beneficiaram largos milhares de alunos da cidade e da região.

Assinalando a efeméride, as Fábricas Aleluia executaram agora um artístico prato de porcelana, com sugestivo desenho de João Salgueiro, antigo aluno do prestigioso estabelecimento de ensino, onde teve como mestres os industriais e ceramistas Gervásio e Carlos Aleluia.

EXCURSÃO À ESPANHA

Em organização das *Excursões Fernandes*, promovidas pela «Casa Fernandes», da Rua de Fernão de Oliveira, n.º 2, nesta cidade, seguem para o país vizinho na segunda-feira numerosos aveirenses, em viagem de turismo que durará seis dias.

Nesta excursão de férias, em excelente autocarro, serão visitadas: Pontevedra, a ilha de La Toja, Santiago de Compostela, Lugo, Orense, Vigo, Bayona, La Guardia e Tuy — e ainda, no nosso País, Viana do Castelo, Valença, Monção, Arcos de Valdevez e Braga.

LAVANDARIA SOL

A Gerência desta prestigiada casa industrial de Aveiro teve a amabilidade de nos agradecer as referências aqui feitas na semana transacta à abertura de mais uma filial, nesta cidade, que, sem favor, dissemos, e agora repetimos, honrar a indústria local.

E, porque justa, em tudo, a notícia aqui dada à estampa, nenhum agradecimento nos seria devido.

Nem por isso deixamos, todavia, de registar a deferência.

FALECERAM:

JOSÉ DUARTE VIEIRA

Natural de Espinho, mas radicado em Aveiro há mais de quatro décadas, o sr. José Duarte Vieira conquistou ràpidamente a estima e a simpatia de todos os aveirenses, pelo seu porte desempoeirado, feitio alegre e comunicativo, franca e leal camaradagem e permanente disposição para dispensar os seus préstimos a quem quer que deles carecesse. Desportista de merecimento, conquistou justificada aura nos campos de futebol; elemento destacado, ao longo de muitos anos, do Grupo Cénico do Clube dos Galitos, ali desempenhou papéis de relevo, particularmente como compère das famosas revistas que a prestigiosa colectividade levou à cena. E, em qualquer circunstância da sua vida, particular ou pública, era alegria contagiante, tónico generoso e salutar para quantos lhe ouviam o chiste pronto, incisivo, hilariante. Mesmo na sua doença, José Duarte Vieira foi sempre o «Zé Vieira», companheiro procurado para desvanecer tristezas e para dissipar preocupações.

José Duarte Vieira não resistiria à sua última crise: faleceu na quinta-feira da pretérita semana, 5 do corrente.

O enterro, que se realizou no dia imediato, após missa de corpo-presente, na capela de S. Gonçalinho, para o Cemitério Central, foi eloquente testemunho da geral consideração pelos seus méritos e virtudes e demonstração da saudade que em todos deixou o tão famoso e querido «Zé Vieira».

Contava 65 anos de idade, era zeloso empregado comercial e pai dedicado da sr.ª D. Maria do Carmo dos Santos Vieira Freire de Lima, casada com o Tenente da Força Aérea sr. José Resende Génio Barata Freire de Lima, e do sr. Henrique dos Santos Vieira, empregado de escritório, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Caleiro Vieira; e cunhado da sr.ª D. Maria do Carmo Guiharães.

CÓNEGO JOSÉ NUNES GERALDO

Pelas 5 da tarde da última segunda-feira, 9, após três meses de doença, faleceu, nesta cidade, onde há muito residia, o sr. Cónego José Nunes Geraldo. Foi sua morte cruciante — mas serena e corajosa como fora toda a sua vida.

Discípulo em Coimbra e secretário em Angola do saudoso D. João Evangelista, viria, aqui em Aveiro, a ficar-lhe perto do paço episcopal, como pároco — zeloso e dinâmico pároco — da freguesia da Vera-Cruz.

Nasceu o Cónego Geraldo, em Fermentelos, a 19 de Novembro de 1880; ali se baptizou e fez as primeiras letras. Depois de frequentar os colégios Probidade e Aveirense, ingressou no Seminário de Coimbra, onde concluiu o curso teológico em 1903; a 1 de Novembro desse ano, recebeu a ordem de presbítero, na catedral de Coimbra; e foi na paroquial de Fermentelos que rezou a sua primeira missa. Coadjutor de Oiã (Agosto a Novembro de 1906), deixou esta freguesia para paroquiar em Pala, no concelho de Mortágua. Passados três anos, porém, D. João Evangelista, nomeado então Bispo de Angola e Congo, deslocou-se propositadamente a Fermentelos para obter dos pais e dos dez irmãos do Padre Geraldo a anuência à sua partida, com ele e com o saudoso Padre José Simões Maio (mais tarde elevado também à dignidade de Cónego) para terras ultramarinas. Ali ensinou e secretariou o Prelado; e ali desempenhou ainda, sempre com aprumo, saber e apostólica devoção, outras elevadas e espinhosas funções. De regresso à Metrópole, o Cónego Geraldo — o último cónego da Monarquia, quanto à nomeação, e o primeiro da República, quanto à posse — foi nomeado, sucessivamente: arcipreste e pároco de Penela (onde encaminharia os primeiros passos do futuro Padre António Brásio, hoje modelo sacerdote espiritano, notável investigador, académico e polígrafo); pároco da freguesia de Oliveirinha do Vouga; arcipreste de Aveiro; consultor diocesano e membro da Comissão de Disciplina do Seminário, da Comissão de Administração dos Bens da Diocese e da Comissão de Tabelas ou Emolumentos Paroquiais; pároco da Vera-Cruz, até 6 de Novembro de 1953 e, depois, capelão da igreja das Carmelitas. Em 1964, já por via do seu precário estado de saúde, deixou o cargo de Arcipreste de Aveiro.

Sempre, e em todas as circunstâncias, o sr. Cónego José Nunes Geraldo foi exemplo de modéstia e de afã sacerdotal — Padre-paradigma de virtudes cristãs. Sua vontade era servir em silêncio; e quis também que, à sua morte, tudo fosse simples — até à campa rasa na sua terra!

Sob a presidência do Vigário-Geral da Diocese, Mons. Aníbal Ramos, que representava o sr. Bispo de Aveiro, saiu o féretro, no dia 10, da residência do saudoso extinto, ao n.º 39 da Rua de Jorge de Lencastre, para a igreja da Vera-Cruz, onde foram recitados ofícios, em salmos e leituras, e concelebrada missa de «requiem». Mais de três dezenas de sacerdotes, da Diocese e de fora, e numerosos amigos de toda a parte, participaram nas cerimónias fúnebres. Depois, sempre com grande e significativo acompanhamento, o corpo do Cónego Geraldo foi levado para a sua terra de Fermentelos, que o recebeu com expressivas demonstrações de respeito e veneração. O Rev.º Padre João Evangelista, pároco da freguesia, celebrou missa de corpo-presente, ante compacta assembleia de fiéis. Depois, com toda a simplicidade, foi a sepultar, no cemitério local, o corpo do virtuoso sacerdote.

O sr. Cónego José Nunes Geraldo deixa vivos ainda quatro irmãos: as sr.as D. Teresa e Augusta Nunes Geraldo e os srs. António e Joaquim Nunes Geraldo. Era tio das sr.as D. Maria da Luz, D. Maria de Lourdes e D. Maria Teresa Geraldo e dos srs. José, João, António Augusto, Manuel, André Nolasco e Padre Argemiro Geraldo, este último pároco em Cabinda.

As famílias em luto, os pêsames do **Litoral**

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 14 — *Os srs. Amadeu Pinto dos Reis, Francisco Ferreira Barbosa, e Luís Francisco Campos Trindade Silva, as meninas Maria Manuela Martins de Melo e Maria Júlia Dantas da Costa, e o menino Augusto Duarte Campos Barata da Rocha, filho do sr. Augusto Sobrinho Barata da Rocha.*

Amanhã, 15 — *As sr.as D. Aida Ferreira Figueiredo Lengo, esposa do sr. José Augusto Farias Lengo, D. Maria Ferreira do Amaral, D. Maria José Pereira Rego, esposa do sr. João Rego, e D. Maria da Conceição Duarte Nunes de Oliveira, esposa do Subtenente da Armada sr. Maurício Andrade Nunes de Oliveira, os srs. José Eduardo de Pinho Carvalho e César L. Santos, a menina Olinda Maria, filha do sr. Fernando Morais Sarmento, e o menino Pedro Eduardo, filho do sr. Dr. Orlando de Oliveira.*

Em 16 — *A sr.ª D. Maria José Simões Gamelas Durão, esposa do sr. Abel Fereira da Encarnação Durão, os srs. Amílcar Henriques Gamelas, David Melo e Capitão Acácio Teixeira Lopes, e as meninas Maria Paul, filha do sr. Dúlio Barreto Rosete, e Maria do Rosário Moura Barbosa da Maia, filha do sr. Manuel Maria da Maia.*

Em 18 — *A sr.ª D. Laura Santos, esposa do sr. César Santos, e os srs. António Luís Morais da Cunha, João Belo, José Maria da Silva Vera-Cruz e Jacinto Manuel Cotrim.*

Em 19 — *As sr.as D. Adalcina do Céu da Silva Mateus, esposa do sr. Dr. Francisco José Mateus, e D. Maria José Dantas Cerqueira da Encarnação, os srs. Álvaro de Sousa, António José de Carvalho Costa e Manuel Simões Ratola, a menina Laura Maria, filha do sr. António Joaquim da Cunha, e os meninos Fernando Arroja, filho do sr. Fernando Morais Sarmento, e Eduardo Manuel Campos Trindade Silva.*

Em 20 — *A sr.ª D. Violetina de Oliveira Órfão Vieira, esposa do sr. Tomás Vieira, D. Ana Maria da Costa Ferreira Henrique Ferreira Barreto, esposa do sr. Eng.º Casimiro de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sachetti, e D. Cristina Maria Serra Vinagre.*

CINE-TEATRO AVENIDA
Cartaz dos Espectáculos

Sábado, 14 — 4 DÓLARES DE VINGANÇA, com Robert Wodds, Ghia Arlen e Angelo Infanli. Para maiores de 12 anos.

Domingo, 15 (à tarde e à noite) — A SOMBRA DUM GIGANTE, com Kirk Douglas, Senta Berger e Frank Sinatra. Para maiores de 12 anos.

Quinta-feira, 19 — GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE, com Elizabeth Taylor, Paul Newman e Burl Ives. Para maiores de 17 anos.

A CIDADE

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi concedido pelo Fundo de Desemprego, à Câmara Municipal, a comparticipação de 89 200$00, para encargos com a execução de trabalhos de conservação permanente da rede rodoviária municipal.

● Foi aprovada superiormente uma alteração do esboceto do Anteplano de Urbanização de Cacia-Sarrazola, na parte que se refere à rectificação da Rua do Laranjal.

● Foi marcada para o dia 14 do próximo mês de Outubro, pelas 14.30 horas, na Sala das Reuniões da Câmara Municipal, a arrematação do direito de ocupação dos 3 estabelecimentos comerciais, sitos sob a esplanada, com frentes para a Rua do Clube dos Galitos, nas condições que se encontram patentes na Secretaria e conforme avisos que vão ser publicados.

● Foi encarregada uma firma da especialidade da execução dos trabalhos respeitantes aos ramais domiciliários, no aglomerado de Esgueira, uma vez que se encontra concluída a rede geral de saneamento.

● Foi aprovado o auto de recepção definitiva da obra de «E. M. 583-3 — Reparação do Lanço entre a E. N. 16 e a Entrada da Povoação de Mataduços — 2.ª fase».

● Segundo avisos já publicados, proceder-se-à, na reunião ordinária a realizar no dia 30 do corrente mês, pelas 14.30 horas, à arrematação dos lugares destinados à venda de castanha assada, em várias zonas da cidade.

● Foram apreciados 28 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 21 deferimentos, 4 indeferimentos e 3 informações.

PORTO DE AVEIRO

● ESTUDANTES DINAMARQUESES EM VISITA DE ESTUDO

No dia 24 de Agosto, um grupo de 24 estudantes do ensino técnico superior da Danmarks Tekniske Hojskole, de Copenhague (Universidade Técnica da Dinamarca), dirigidos pelo Prof. A. Hasle Nielsen, do Coastal Engineering Laboraty, visitou demoradamente todas as instalações do porto, manifestando o seu grande interesse pelos inúmeros problemas que envolvem o complexo portuário de Aveiro, muito especialmente os relativos ao funcionamento hidráulico da laguna e aos da barra e da erosão costeira, que se encontram em estudo.

● MOVIMENTO DE ENTRADAS

Entraram no Porto de Aveiro durante o mês de Agosto 21 navios, sendo 16 nacionais e 5 estrangeiros, com uma tonelagem de arqueação bruta total de 21 487 tAB, o que equivale a uma tonelagem média de 1 023 tAB por navio.

HONESTIDADE DE DOIS JOVENS AVEIRENSES

Os menores Augusto dos Santos Ascensão e João José da Rosa Naia, ambos de 12 anos, residentes, respectivamente, na Rua de Homem Cristo Filho e na Rua do Dr. Edmundo Machado, encontraram há dias, junto da paragem das camionetas da Auto-Viação Aveirense, na Rua do Clube dos Galitos, um porta-moedas, com a quantia de 2 383$10.

Num gesto digno dos maiores louvores, os dois jovens aveirenses imediatamente se apressaram a entregar na P. S. P. o seu precioso achado.

Mais tarde, esteve na Secretaria da P. S. P. a sr.ª D. Lídia de Jesus Rocha, residente na Gafanha do Areal, que viera a esta cidade efectuar diversas compras para o seu enxoval de noiva e ficara naturalmente aflita quando verificou que perdera o referido porta-moedas, que logo lhe foi entregue por se verificar que era a sua legítima dona.

COMPLETOU CEM ANOS A SENHORA EMÍLIA ROSA

No dia 6 do corrente, completou um século de existência a sr.ª Emília Rosa da Graça — talvez a mais idosa aveirense, da cidade e do concelho. Aveirenses, e da cidade, eram os seus progenitores e os seus avós.

A simpática velhinha nasceu, assim, rigorosamente, em 6 de Setembro de 1868, na Rua de S. Bartolomeu, precisamente onde viria passar estas últimas e triunfantes décadas da sua longa existência, após a viuvez e as múltiplas andanças por longes terras, onde era chamado a servir seu marido, um ferroviário de nome Filipe Moura, com quem se consorciara aos 18 anos.

O casal teve seis filhos, dos quais apenas é vivo o sr. Alfredo da Graça. A veneranda aveirense conta ainda três netos e numerosos bisnetos e trinetos, espalhados por esse mundo.

Foi baptizada na paroquial da sua freguesia — na Vera-Cruz — pelo virtuoso e famoso «Prior Passante».

A sr.ª Emília Rosa, querida em todo o bairro, como relíquia de exemplares virtudes, trabalhou de costura, enquanto pôde. Leva hoje a sua gloriosa velhice a recordar, com pronta e fidelíssima memória, fastos de outrora, sendo-lhe grato evidenciar os nomes de aveirenses notáveis, que conheceu: Manuel José Mendes Leite, o Conselheiro Manuel Firmino, Sebastião de Carvalho Lima, entre muitos outros. Recorda-se da Barra antes da construção do farol; do incêndio do convento de Sá, da visita a Aveiro de D. Luís e D. Maria Pia. E, todos os dias, encaminha os seus passos, seja Verão ou Inverno, para a igreja da sua paróquia.

Apenas duas doenças: um resfriamento e uma gripe — aquela há mais de setenta anos, esta há cerca de um ano.

As senhoras da Conferência de S. Vicente de Paulo, que consagram especial carinho à centenária aveirense, festejaram-lhe o aniversário, na companhia do pároco da Vera-Cruz, Rev.º Manuel António Fernandes: doces, prendas — e muita ternura. O sr. Aníbal Ramos, proprietário da conceituada Pastelaria Avenida, mandou confeccionar — e generosamente ofereceu — um bolo com... cem velas!

Que ao sr. Aníbal Ramos acresça — oportunamente, claro... — semelhante e generoso encargo de oferecer à sr.ª Emília Rosa um bolo de cento e cinquenta velas, são os nossos votos... para ambos...

NOVO SUPERIOR DA CASA DO SAGRADO CORAÇÃO

Tomou posse do cargo de Superior da Casa do Sagrado Coração de Jesus, em Esgueira, o Rev.º Padre Dino Gotardi, natural de Alessandria (Itália), que já esteve entre nós de 1960 a 1965, grangeando então inúmeras amizades em Aveiro.

QUEM PERDEU?

Durante o mês de Agosto, foram achados na via pública e entregues na Secretaria da P. S. P. de Aveiro os seguintes valores e objectos, que ali podem ser reclamados por quem provar que os mesmos lhe pertencem:

— Um molho de chaves; uma ceira com alicate; uns óculos graduados; uma chave tipo «yale»; uma chave tipo «yale» e um corta-unhas; selos fiscais; uma aliança e um livrete.

I «SEMANA WOOLMARK»

Hoje, pelas 20 horas, realiza-se no Restaurante Galo d'Ouro uma reunião promovida pela firma aveirense «Martins & Soares, Limitada», com o comércio local, no intuito de tornar conhecido o programa definitivo da *«I Semana Woolmark»* em Aveiro.

Estará presente um administrador do Secretariado Internacional da Lã.

TRÂNSITO NA CIDADE

Concluídas as obras do novo pavimento da Rua de Coimbra, que esteve algum tempo vedada ao trânsito, como oportunamente noticiámos, foi restabelecida a circulação de veículos (no sentido descendente, aliás o único agora autorizado) na referida artéria do centro da cidade.

MOVIMENTO DA LOTA

No mês de Agosto, a Lota de Aveiro registou considerável aumento de vendas (mais 600 contos do que em Julho). Foram transaccionados 720 209 quilos de peixe, que renderam 2 404 103$00 — a verba mais elevada do ano em curso.

O VOO DAS AVES

Na passada terça-feira, 10 do corrente, o sr. José Fernando Mendes Caldeira, desta cidade, abateu na Ria de Aveiro um fuselo, portador de uma anilha com a seguinte inscrição:

STAVANGER MUSEUM
7109600 — NORWAY

LUGARES PARA VENDA DE CASTANHAS ASSADAS

A Câmara Municipal vai pôr em arrematação, no próximo dia 30, diversos lugares para venda de castanhas assadas, durante o período de 1 de Outubro próximo a 30 de Abril de 1969, nas seguintes zonas da cidade: Rua de Sá, Largo da Estação (2), Praça 14 de Julho, Avenida do 5 de Outubro (2), Praça do Milenário e Largo de Santo António.

AMPLIAÇÃO DA CAPELA DE VILAR

Vai realizar-se, em 20 de Outubro próximo, em Vilar, um cortejo de oferendas, cujo produto se destina a contribuir para as projectadas obras de ampliação da capela daquele lugar.

EQUIPAMENTO PORTUÁRIO

Prosseguindo no seu propósito de proceder ao apetrechamento portuário de modo a satisfazer as crescentes necessidades do tráfego e a corresponder a cada vez maiores exigências, a Junta Autónoma do Porto de Aveiro abriu concursos públicos para a construção de um pavilhão aligeirado, para recolha de equipamento, no Forte da Barra, e para o fornecimento de um empilhador, com bases de licitação fixadas, respectivamente, em 400 contos e 6 250 escudos.

Ao Ex.mo [...] Marinha

Que, no [...]67, cerca das 20 h[...]ortou — da Gafanh[...]em para o Hospital [...] — o sr. Manuel do[...]rramão e um meno[...] num acidente de v[...]ita-se o incómodo [...] a sua identificaç[...]r. Carlos M. Candal [...] do Governo Civ[...]VEIRO.

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE ESCRITORES AVEIRENSES

O Pelouro Cultural do Clube dos Galitos leva a efeito, no próximo mês de Novembro, uma Exposição Bibliográfica de Escritores Aveirenses.

Apenas estarão presentes as obras dos escritores natos ou radicados no concelho de Aveiro. Excepcionalmente, em representação do Distrito, figurarão as obras de dois dos seus mais eminentes vultos.

O Clube dos Galitos responsabilizar-se-á pelas obras entregues, a título de empréstimo, mediante recibo discriminado, efectuando, além disso, os seguros julgados convenientes.

Logo após o encerramento da Exposição, as obras serão prontamente devolvidas aos seus proprietários, que assinarão o documento da entrega.

Durante o período da Exposição, haverá um ciclo de conferências.

A recepção das obras terá lugar na sede do Clube, a partir do dia 20 do corrente, todas as noites das 21.30 às 23 horas, excepto aos sábados e domingos.

A Exposição Bibliográfica e o ciclo de conferências realizar-se-ão em local a indicar oportunamente.

NOVA PAVIMENTAÇÃO NA RUA DAS POMBAS

Estão em curso, em ritmo acelerador, obras de pavimentação, a betuminoso, na Rua das Pombas, em substituição do anterior piso, de calçada à portuguesa.

A referida artéria passará a ser mais funcional, permitindo melhores e mais rápidos acessos à zona do Hospital de Santa Joana Princesa e do Estádio de Mário Duarte, a todos os veículos provenientes da entrada-Sul da cidade.

VISITA DE NATIVOS DE ANGOLA, GUINÉ E S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Acompanhados pelo sr. António Jacinto Lima, da Agência Geral do Ultramar, estiveram de visita a Aveiro quatro nativos que recentemente foram galardoados pelos relevantes serviços que prestaram na luta contra o terrorismo; D. Farncisco Adão e Cassul Capulo, dembo de Pango Aluquém e ex-dembo da referida povoação, respectivamente, o segundo contando 104 anos de idade — ambos distinguidos com o «Prémio Governador de Angola»; Malan Ingai, chefe da povoação de Morocunda-Farin e Alferes de 2.ª linha, distinguido com o «Prémio Governador da Guiné»; e Miguel Leal Dias da Fonseca, distinguido com o «Prémio Pedo Escobar», pela acção que tem desenvolvido para o progresso, desenvolvimento e bem-estar das populações de S. Tomé e Príncipe.

BODAS DE DIAMANTE DA ESCOLA TÉCNICA

A Escola Industrial e Comercial de Aveiro comemorou recentemente, conforme na altura noticiámos, os seus 75 anos de devotado e profícuo labor, do qual beneficiaram largos milhares de alunos da cidade e da região.

Assinalando a efeméride, as Fábricas Aleluia executaram agora um artístico prato de porcelana, com sugestivo desenho de João Salgueiro, antigo aluno do prestigioso estabelecimento de ensino, onde teve como mestres os industriais e ceramistas Gervásio e Carlos Aleluia.

EXCURSÃO À ESPANHA

Em organização das *Excursões Fernandes*, promovidas pela «Casa Fernandes», da Rua de Fernão de Oliveira, n.º 2, nesta cidade, seguem para o país vizinho na segunda-feira numerosos aveirenses, em viagem de turismo que durará seis dias.

Nesta excursão de férias, em excelente autocarro, serão visitadas: Pontevedra, a ilha de La Toja, Santiago de Compostela, Lugo, Orense, Vigo, Bayona, La Guardia e Tuy — e ainda, no nosso País, Viana do Castelo, Valença, Monção, Arcos de Valdevez e Braga.

LAVANDARIA SOL

A Gerência desta prestigiada casa industrial de Aveiro teve a amabilidade de nos agradecer as referências aqui feitas na semana transacta à abertura de mais uma filial, nesta cidade, que, sem favor, dissemos, e agora repetimos, honrar a indústria local.

E, porque justa, em tudo, a notícia aqui dada à estampa, nenhum agradecimento nos seria devido.

Nem por isso deixamos, todavia, de registar a deferência.

FALECERAM:

JOSÉ DUARTE VIEIRA

Natural de Espinho, mas radicado em Aveiro há mais de quatro décadas, o sr. José Duarte Vieira conquistou ràpidamente a estima e a simpatia de todos os aveirenses, pelo seu porte desempoeirado, feitio alegre e comunicativo, franca e leal camaradagem e permanente disposição para dispensar os seus préstimos a quem quer que deles carecesse. Desportista de merecimento, conquistou justificada aura nos campos de futebol; elemento destacado, ao longo de muitos anos, do Grupo Cénico do Clube dos Galitos, ali desempenhou papéis de relevo, particularmente como compère das famosas revistas que a prestigiosa colectividade levou à cena. E, em qualquer circunstância da sua vida, particular ou pública, era alegria contagiante, tónico generoso e salutar para quantos lhe ouviam o chiste pronto, incisivo, hilariante. Mesmo na sua doença, José Duarte Vieira foi sempre o «Zé Vieira», companheiro procurado para desvanecer tristezas e para dissipar preocupações.

José Duarte Vieira não resistiria à sua última crise: faleceu na quinta-feira da pretérita semana, 5 do corrente.

O enterro, que se realizou no dia imediato, após missa de corpo-presente, na capela de S. Gonçalinho, para o Cemitério Central, foi eloquente testemunho da geral consideração pelos seus méritos e virtudes e demonstração da saudade que em todos deixou o tão famoso e querido «Zé Vieira».

Contava 65 anos de idade, era zeloso empregado comercial e pai dedicado da sr.ª D. Maria do Carmo dos Santos Vieira Freire de Lima, casada com o Tenente da Força Aérea sr. José Resende Génio Barata Freire de Lima, e do sr. Henrique dos Santos Vieira, empregado de escritório, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Caleiro Vieira; e cunhado da sr.ª D. Maria do Carmo Guiharães.

CÓNEGO JOSÉ NUNES GERALDO

Pelas 5 da tarde da última segunda-feira, 9, após três meses de doença, faleceu, nesta cidade, onde há muito residia, o sr. Cónego José Nunes Geraldo. Foi sua morte cruciante — mas serena e corajosa como fora toda a sua vida.

Discípulo em Coimbra e secretário em Angola do saudoso D. João Evangelista, viria, aqui em Aveiro, a ficar-lhe perto do paço episcopal, como pároco — zeloso e dinâmico pároco — da freguesia da Vera-Cruz.

Nasceu o Cónego Geraldo, em Fermentelos, a 19 de Novembro de 1880; ali se baptizou e fez as primeiras letras. Depois de frequentar os colégios Probidade e Aveirense, ingressou no Seminário de Coimbra, onde concluiu o curso teológico em 1903; a 1 de Novembro desse ano, recebeu a ordem de presbítero, na catedral de Coimbra; e foi na paroquial de Fermentelos que rezou a sua primeira missa. Coadjutor de Oiã (Agosto a Novembro de 1906), deixou esta freguesia para paroquiar em Pala, no concelho de Mortágua. Passados três anos, porém, D. João Evangelista, nomeado então Bispo de Angola e Congo, deslocou-se propositadamente a Fermentelos para obter dos pais e dos dez irmãos do Padre Geraldo a anuência à sua partida, com ele e com o saudoso Padre José Simões Maio (mais tarde elevado também à dignidade de Cónego) para terras ultramarinas. Ali ensinou e secretariou o Prelado; e ali desempenhou ainda, sempre com aprumo, saber e apostólica devoção, outras elevadas e espinhosas funções. De regresso à Metrópole, o Cónego Geraldo — o último cónego da Monarquia, quanto à nomeação, e o primeiro da República, quanto à posse — foi nomeado, sucessivamente: arcipreste e pároco de Penela (onde encaminharia os primeiros passos do futuro Padre António Brásio, hoje modelo sacerdote espiritano, notável investigador, académico e polígrafo); pároco da freguesia de Oliveirinha do Vouga; arcipreste de Aveiro; consultor diocesano e membro da Comissão de Disciplina do Seminário, da Comissão de Administração dos Bens da Diocese e da Comissão de Tabelas ou Emolumentos Paroquiais; pároco da Vera-Cruz, até 6 de Novembro de 1953 e, depois, capelão da igreja das Carmelitas. Em 1964, já por via do seu precário estado de saúde, deixou o cargo de Arcipreste de Aveiro.

Sempre, e em todas as circunstâncias, o sr. Cónego José Nunes Geraldo foi exemplo de modéstia e de afã sacerdotal — Padre-paradigma de virtudes cristãs. Sua vontade era servir em silêncio; e quis também que, à sua morte, tudo fosse simples — até à campa rasa na sua terra!

Sob a presidência do Vigário-Geral da Diocese, Mons. Aníbal Ramos, que representava o sr. Bispo de Aveiro, saiu o féretro, no dia 10, da residência do saudoso extinto, ao n.º 39 da Rua de Jorge de Lencastre, para a igreja da Vera-Cruz, onde foram recitados ofícios, em salmos e leituras, e concelebrada missa de «requiem». Mais de três dezenas de sacerdotes, da Diocese e de fora, e numerosos amigos de toda a parte, participaram nas cerimónias fúnebres. Depois, sempre com grande e significativo acompanhamento, o corpo do Cónego Geraldo foi levado para a sua terra de Fermentelos, que o recebeu com expressivas demonstrações de respeito e veneração. O Rev.º Padre João Evangelista, pároco da freguesia, celebrou missa de corpo-presente, ante compacta assembleia de fiéis. Depois, com toda a simplicidade, foi a sepultar, no cemitério local, o corpo do virtuoso sacerdote.

O sr. Cónego José Nunes Geraldo deixa vivos ainda quatro irmãos: as sr.as D. Teresa e Augusta Nunes Geraldo e os srs. António e Joaquim Nunes Geraldo. Era tio das sr.as D. Maria da Luz, D. Maria de Lourdes e D. Maria Teresa Geraldo e dos srs. José, João, António Augusto, Manuel, André Nolasco e Padre Argemiro Geraldo, este último pároco em Cabinda.

As famílias em luto, os pêsames do **Litoral**

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 14 — *Os srs. Amadeu Pinto dos Reis, Francisco Ferreira Barbosa, e Luís Francisco Campos Trindade Silva, as meninas Maria Manuela Martins de Melo e Maria Júlia Dantas da Costa, e o menino Augusto Duarte Campos Barata da Rocha, filho do sr. Augusto Sobrinho Barata da Rocha.*

Amanhã, 15 — *As sr.as D. Aida Ferreira Figueiredo Lengo, esposa do sr. José Augusto Farias Lengo, D. Maria Ferreira do Amaral, D. Maria José Pereira Rego, esposa do sr. João Rego, e D. Maria da Conceição Duarte Nunes de Oliveira, esposa do Subtenente da Armada sr. Maurício Andrade Nunes de Oliveira, os srs. José Eduardo de Pinho Carvalho e César L. Santos, a menina Olinda Maria, filha do sr. Fernando Morais Sarmento, e o menino Pedro Eduardo, filho do sr. Dr. Orlando de Oliveira.*

Em 16 — *A sr.ª D. Maria José Simões Gamelas Durão, esposa do sr. Abel Fereira da Encarnação Durão, os srs. Amílcar Henriques Gamelas, David Melo e Capitão Acácio Teixeira Lopes, e as meninas Maria Paul, filha do sr. Dúlio Barreto Rosete, e Maria do Rosário Moura Barbosa da Maia, filha do sr. Manuel Maria da Maia.*

Em 18 — *A sr.ª D. Laura Santos, esposa do sr. César Santos, e os srs. António Luís Morais da Cunha, João Belo, José Maria da Silva Vera-Cruz e Jacinto Manuel Cotrim.*

Em 19 — *As sr.as D. Adalcina do Céu da Silva Mateus, esposa do sr. Dr. Francisco José Mateus, e D. Maria José Dantas Cerqueira da Encarnação, os srs. Álvaro de Sousa, António José de Carvalho Costa e Manuel Simões Ratola, a menina Laura Maria, filha do sr. António Joaquim da Cunha, e os meninos Fernando Arroja, filho do sr. Fernando Morais Sarmento, e Eduardo Manuel Campos Trindade Silva.*

Em 20 — *A sr.ª D. Violetina de Oliveira Órfão Vieira, esposa do sr. Tomás Vieira, D. Ana Maria da Costa Ferreira Henrique Ferreira Barreto, esposa do sr. Eng.º Casimiro de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sachetti, e D. Cristina Maria Serra Vinagre.*

CINE-TEATRO AVENIDA
Cartaz dos Espectáculos

Sábado, 14 — 4 DÓLARES DE VINGANÇA, com Robert Wodds, Ghia Arlen e Angelo Infanli. Para maiores de 12 anos.

Domingo, 15 (à tarde e à noite) — A SOMBRA DUM GIGANTE, com Kirk Douglas, Senta Berger e Frank Sinatra. Para maiores de 12 anos.

Quinta-feira, 19 — GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE, com Elizabeth Taylor, Paul Newman e Burl Ives. Para maiores de 17 anos.

Juízo das Execuções Fiscais do Concelho de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Pelo Juízo das execuções fiscais do concelho de Aveiro e nos autos de execução fiscal em que é exequente a Fazenda Nacional e executado António da Cruz, morador na Rua S. João de Deus, 12, em Esgueira, no dia 23 do corrente, pelas 10 horas, à porta da Repartição de Finanças do Concelho de Aveiro, vai pela primeira vez à praça o seguinte móvel:

Uma carrinha marca «MERCEDES BENZ» modelo 13/4 TON. L319 D KASTENWAGEN — 2,850 m. — 1959, número de quadro 8506734, com o motor n.º 8506707 com 4 cilindros, cilindrada 1 767 cm³, combustível a gasóleo. Caixa fechada de dimensões 3,00 x 1,83, medida dos pneumáticos 6.00-16(6) e 6.00-16(6) D, tara 1966 Kg. Lotação da cabine 2 lugares, cor base cinzenta, com o n.º de matrícula MT-84-67, a qual se encontra em bom estado de conservação, que vai à praça pelo valor de cinquenta mil escudos.

Ficam a cargo dos arrematantes as despesas da praça.

Aveiro, 7 de Setembro de 1968

O Escriturário,

Fernando Jorge Dias Falcão da Silva

O Juiz Auxiliar,

José Alves de Faria

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que pela segunda Secção do primeiro Juízo da comarca de Aveiro, e nos autos de Execução de Sentença que o exequente Maurício Inácio dos Santos, casado, comerciante, morador em Valado dos Frades, da comarca de Alcobaça, move contra os executados João Gonçalves Magalhães e mulher, Rosa Gilsans de Magalhães, moradores em Esgueira, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos ditos executados, para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 25 de Junho de 1968

O Escrivão de Direito,

Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XIV — 14-9-68 — N.º 723

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que pelo 1.º Juízo de Direito da comarca de Aveiro e segunda Secção correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada «Joaquim Alves, Sucessores, Limitada», com sede na Rua de Eça de Queirós, número 68-1.º, desta cidade de Aveiro, para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos na execução de sentença que contra a dita executada move o exequente Severim Duarte, casado, comerciante, desta cidade de Aveiro, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 21 de Junho de 1968

O Escrivão de Direito,

Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XIV — 14-9-68 — N.º 723

Continuações da última página

FUTEBOL

Valecambrense — Beira-Mar

Aveiro, parece que a fez cair numa modorna impressionante, talvez pelo facto de alguns elementos acreditarem que a vitória viria a sorrir-lhes, dado que havia ainda muito tempo para jogar.

Pressentia-se uma provável igualdade, a todo o momento, quando, aos 83 m., o Valecambrense se fez o seu terceiro golo. Um lançamento largo para Toninho — em nítido «off-side» — levou depois a bola para CARLOS ALBERTO, que fixou o resultado final.

Nos momentos derradeiros, o Beira-Mar tentou ainda atenuar a contagem, mas sem êxito.

A vitória do Valecambrense aceita-se, plenamente, pela forma aguerrida como a equipa se entregou à luta e soube conservar o resultado. De destacar a actuação do médio Ribeiro, que foi o *maestro* da turma.

O Beira-Mar apresentou uma equipa sem garra, mal preparada psicològicamente — pois não voltou a encontrar-se, logo que sofreu o primeiro golo. José Pereira teve deslizes que influiram no resultado e esteve intranquilo (aquele seu pretenso pontapé à espanhola foi prova do seu nervosismo). A defesa cumpriu, razoàvelmente, com destaque para Marçal. Na linha média, Abdul e Colorado procuraram remar contra a maré, enquanto tiveram forças — mas estas foram muito poucas. Do sector dianteiro nada de positivo se poderá dizer, para além do remate que deu origem ao ponto de honra da turma.

A arbitragem foi deveras infeliz, com deslizes de gravidade: casos do «penalty» perdoado ao Valecambrense (ainda com a marca em branco...) e da vista grossa ao fora de jogo que precedeu o terceiro golo da turma estreante.

MANUEL PEREIRA

O jogo visto pelo público

igualdade ou até da vitória. Notou-se, porém, de forma flagrante, que os avançados do Beira-Mar — e outros jogadores influentes na manobra da equipa — estavam nitidamente sem forças, acusando grande quebra física, pelo que continuaram na mesma toada lenta, sem grande genica. Ao invés, o grupo de Vale de Cambra imprimiu maior velocidade ao seu jogo e veio a conseguir um terceiro golo, aliás, em consequência do enfraquecimento dos jogadores de Aveiro, incluindo alguns da própria defesa, que, no final, também deram provas de quebra física notória.

JOSÉ DA SILVA FREIRE (sócio 180), funcionário dos Serviços Municipalizados, que durante dezasseis anos alinhou nos grupos beiramarenses e já foi dirigente do popular Clube, afirmou-nos:

Contava com um triunfo em Vale de Cambra. O Beira-Mar era grande favorito para esse encontro, onde não averbou os dois desejados pontos por ter utilizado uma táctica mal feita, em meu modo de ver, porque só estivemos a jogar com três avançados — e muitas vezes só com dois homens na frente —, contra um adversário inferior à nossa equipa. Ao contrário, eles vinham para a frente em força, atacando com quatro (ou cinco!) elementos em linha, avançando com a bola, que sabiam trocar entre si, criando problemas à nossa defensiva, cujos elementos jogaram muito parados e em linha. De resto, não compreendi bem a reduzida liberdade de acção de Abdul, que quase não saiu dum círculo de raio muito curto, donde não podia alimentar o ataque.

E acho que o Beira-Mar, sem avançados, não pode fazer nada... Não creio, porém, que o inêxito de domingo tenha efeitos decisivos no ânimo da equipa. Já no domingo, frente ao Tirsense, em Aveiro, e nos embates mais próximos, é que poderemos tirar conclusões mais definitivas: o Beira-Mar, de futuro, terá de jogar para o ataque, para nos convencer de que pode ser um dos candidatos com aspirações à subida de divisão.

ARMINDO FERREIRA (sócio 860), comerciante e vendedor de refrigerantes, também já passou, há anos, pela Direcção do Beira-Mar. Acerca da derrota de domingo, emitiu estas palavras à reportagem do «Litoral»:

Na minha opinião, a causa do Beira-Mar perder o jogo foi o deslize do seu guarda-redes no lance do segundo golo do Valecambrense, que deve ter tido, e teve mesmo, grande influência na maneira de jogar dos seus companheiros. O guarda-redes não esteve à altura da equipa, nesse lance decisivo, e o jogo acabou por ser mal perdido: o Beira-Mar, longe do seu melhor, quero crer, fez jus a um empate.

FERNANDO LUIS MARQUES (sócio 175), proprietário da «Barbearia Central», foi o último entrevistado. Eis as suas palavras:

Não gostei da táctica que o Beira-Mar empregou, ditando o desaire sofrido: só com dois avançados, absolutamente perdidos no meio de cinco defesas, não se podia conseguir nada, até porque ficou um grande espaço despovoado de elementos beiramarenses, e os pontas-de-lança não tinham companheiros perto de si, quando pretendiam trocar a bola, pois eles estavam muito recuados.

Penso, porém, que este resultado não terá influência nenhuma. Lembro, até, que quando o Beira-Mar há anos subiu à I Divisão, começou também por jogar muito mal e por perder por 4-1, em Peniche. Continuo, portanto, a acreditar na equipa.

Competições da A. F. de Aveiro

rense. Nota-se a falta do Beira-Mar, brilhante campeão da época transacta.

O Campeonato Distrital da II Divisão terá início em data ainda por designar, sendo disputado pelo Macinhatense, Vista-Alegre, Avanca, Ginásio de Arouca, S. Roque, Mealhada e Pampilhosa.

Os campeonatos de juniores e juvenis terão início, respectivamente, em 27 e em 20 de Outubro, realizando-se os sorteios dos jogos em 16 e em 9 do referido mês.

O Campeonato de Juniores terá, na fase inicial, quatro zonas, assim constituidas: ZONA A — Feirense, Paços de Brandão, Lusitânia, Lamas, Espinho e Esmoriz. ZONA B — Valecambrense, Cucujães, Bustelo, Arrifanense, Sanjoanense e Oliveirense. ZONA C — Alba, Beira-Mar, Estarreja, Avanca, Ovarense e Vista-Alegre. ZONA D — Pampilhosa, Mealhada, Anadia, Oliveira do Bairro, Recreio de Águeda e Valonguense. Na «poule» final, a duas voltas, tomam parte os vencedores das zonas.

O Campeonato de Juvenis também será disputado em duas fases. Na primeira, teremos duas zonas, assim constituídas: ZONA A — Ovarense, Sanjoanense, Cucujães, Arrifanense, Feirense, Lusitânia, S. Roque, Bustelo, Espinho e Oliveirense. ZONA B — Avanca, Estarreja, Anadia, Pampilhosa, Mealhada, G. D. Gafanha, Recreio de Águeda, Alba, Beira-Mar e Vista-Alegre. Para apuramento do campeão, os vencedores das zonas disputam um jogo, em campo neutro.

ATLETISMO

22 do corrente, o I Grande Prémio de Atletismo de Ovar.

A competição, a realizar na manhã do referido dia 22, constará de três provas, que terminarão no Furadouro. A corrida principal destina-se a clubes filiados, desenvolvendo-se num percurso de 5 000 metros; haverá uma prova para senhoras, reservada também a clubes filiados, num percurso de 1 000 metros; finalmente, disputa-se também numa extensão de 5 000 metros, uma prova para não filiados.

Serão distribuidas taças e outros valiosos prémios.

Basquetebol

se tornarem necessários; em 23 do referido mês, teremos as meias-finais (apuramento dos vencedores de zonas), disputando-se a final em 30 de Março.

No lote de concorrentes nortenhos, temos: Sangalhos, Sporting Figueirense, Sanjoanense, Sporting das Caldas, Naval 1.º de Maio, Gaia, Esgueira, C. D. U. P., Illiabum, Invicta, Olivais, Ginásio Figueirense, Académico do Porto, Galitos, e mais duas turmas, a apurar do seguinte modo: vencedor do desempate entre o Fluvial e o Leça e o vencedor do vencido deste desempate e o Amoniaco.

O sorteio dos jogos está marcado para 7 de Novembro, fazendo-se, então, o agrupamento dos clubes pelas séries.

Em próximos números, indicaremos o que se refere aos restantes campeonatos federativos, de acordo com os novos regulamentos.

CICLISMO

nais, registaram-se os seguintes resultados, nos lugares de honra:

Individual — 1.º — António Augusto Ferro-Velho (Loures), 2 h. 15 m. 33 s.; 2.º — Manuel Mendes (Loures), m. t.; 3.º — Manuel Sousa Vigarinho (Sassoeiros), m. t.; 4.º — Rui Anjos dos Santos (Atlético), m. t.; 5.º — António José Guerra (Marconi), 2 h. 15 m. 48 s.

Por equipas — 1.º — Sassoeiros, 6 h. 47 m. 9 s.; 2.º — Loures, 6 h. 47 m. 9 s.; 3. — Marconi, 6 h. 48 m. 25 s.; 4.º — Atlético, 6 h. 48 m. 31 s.

António José Guerra foi o vencedor da primeira etapa, triunfando António Augusto Ferro-Velho na segunda.

■ No Pavilhão dos Desportos de Ílhavo, procedeu-se, à noite, à distribuição dos prémios. Realizou-se, para o efeito, um festival desportivo, durante o qual se exibiram, com muito agrado, os patinadores lisboetas Paulo & Maria, Ana Marçal e Eugénia Maria.

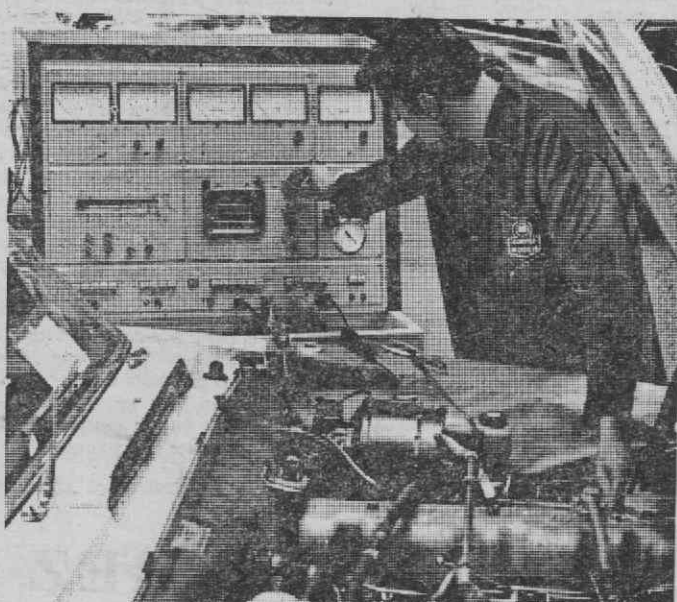
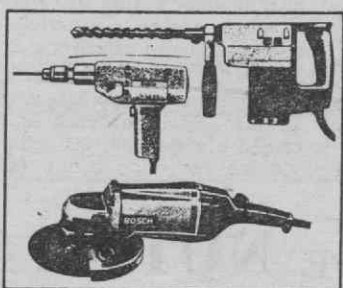
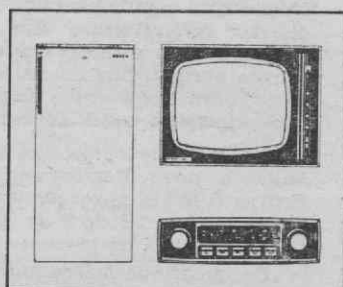
Disputou-se ainda um desafio de hóquei em patins, entre a Sanjoanense e o Cucujães.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 3 DO «TOTOBOLA»

22 de Setembro de 1968

N.º	CLUBES	1	x	2
1	Belenenses-Braga	1		
2	Benfica-Setubal	1		
3	C. U. F. - Varzim	1		
4	Guimarãe.-Atlético	1		
5	Tomar - Sporting			2
6	Leça - Beira Mar			2
7	Tirsen.-Salgueiros	1		
8	Valecambre Penaf	1		
9	Gouveia - T. Novas	1		
10	Portimone.-Barrei			2
11	Seixal - Lusitano		x	
12	Luso - Montijo	1		
13	Leões - Torriense			2

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Começou no domingo a grande « maratona », composta de vinte e seis etapas. Na inicial, os maiores louros foram justamente para um «caloiro», o Valecambrense, que alcançou o triunfo mais robusto do dia — com dois golos à maior! —, derrotando a equipa do Beira-Mar, sem dúvida com melhor cotação e melhores valores. Constituiu surpresa, o êxito dos novatos nortenhos.

O Torres Novas, vice-campeão da Zona Norte na temporada que findou, foi a única turma visitante que logrou pontuar: os torrejanos, sèriamente prejudicados pela arbitragem, mereciam ter triunfado; mas a igualdade obtida no Bessa, ante o «regressado» Boavista, foi excelente desfecho, a significar que a equipa está disposta, novamente, a marcar presença de destaque.

Os cinco restantes desafios foram favoráveis aos grupos visitados: quatro vezes surgiu o 1-0, aparecendo um 2-1 noutro desafio. Margens tangenciais, mas suficientes, para que os pontos da vitória ficassem na posse do Gouveia, Espinho, Tramagal, Tirsense e Leça, respectivamente diante do Salgueiros, Covilhã, Penafiel, Famalicão e Académico de Viseu.

Nesta série de jogos, haverá que salientar o inêxito do Salgueiros — com nada menos de quatro ex-benfiquistas, além de outros reforços...—, que foi batido, sem apelo, pelo Desportivo de Gouveia, um team *também desejoso de se evidenciar.*

Pouco se pode aquilatar do futuro da prova, apenas pela primeira amostra. Haverá que aguardar os próximos embates, para, então, com maior firmeza, se fazerem prognósticos válidos...

REGISTO

Resultados da 1.ª jornada:

ESPINHO — COVILHÃ . . . 1-0
LEÇA — ACAD. DE VISEU . 2-1
TIRSENSE — FAMALICÃO . 1-0
VALECAMBR. — BEIRA-MAR 3-1
GOUVEIA — SALGUEIROS . 1-0
TRAMAGAL — PENAFIEL . . 1-0
BOAVISTA — TORRES NOVAS 1-1

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Valecambren.	1	1	0	0	3-1	2
Gouveia	1	1	0	0	1-0	2
Espinho	1	1	0	0	1-0	2
Tramagal	1	1	0	0	1-0	2
Tirsense	1	1	0	0	1-0	2
Leça	1	1	0	0	2-1	2
T. Novas	1	0	1	0	1-1	1
Boavista	1	0	1	0	1-1	1
A. Viseu	1	0	0	1	1-2	0
Famalicão	1	0	0	1	0-1	0
Penafiel	1	0	0	1	0-1	0
Covilhã	1	0	0	1	0-1	0
Salgueiros	1	0	0	1	0-1	0
BEIRA-MAR	1	0	0	1	1-3	0

Jogos para amanhã:

COVILHÃ — BOAVISTA
ACAD. DE VISEU — ESPINHO
FAMALICÃO — LEÇA
BEIRA-MAR — TIRSENSE
SALGUEIROS — VALECAMBRENSE
PENAFIEL — GOUVEIA
TORRES NOVAS — TRAMAGAL

VALECAMBRENSE, 3 — BEIRA-MAR, 1

Relato e Comentários de

MANUEL PEREIRA

Jogo no Estádio Municipal de Vale de Cambra, que registou razoável enchente. As equipas, sob arbitragem do sr. Henrique Graça, da Comissão Distrital de Coimbra, formaram deste modo:

VALECAMBRENSE — Vieira; Vitor, Pinto da Rocha, Silva (Acácio) e Brandão; Ribeiro e Grilo; Toninho Gabriel, Macedo e Carlos Alberto.

BEIRA-MAR — José Pereira; Bernardino, Joca, Marçal e Chaves; Abdul e Colorado; Amaral (Morais), Cleo, Eduardo (Sousa) e Almeida.

Mal se iniciou o jogo os beiramarenses lançaram-se ao ataque, perdendo Amaral, logo no primeiro minuto a possibilidade de colocar a sua equipa em vencedora: com a baliza completamente à sua mercê, atirou ao lado...

O desafio passou a desenrolar-se no meio campo da turma da casa, em período de ascendência do Beira-Mar, durante o qual haverá que assinalar um «penalty» que o árbitro deixou sem a devida punição, por falta sobre Eduardo. O juiz de campo mandou marcar livre, fora da área...

...E foi contra a corrente do jogo que o Valecambrense inaugurou a marcação aos 25 m. Numa avançada pela asa esquerda, os locais ganharam um «corner»; no seu desenvolvimento, a bola foi desviada ligeiramente pela cabeça de TONINHO, indo anichar-se nas malhas da baliza de José Pereira, ficando a defesa de Aveiro parada, no lance.

Animaram os jogadores da turma da casa, com o tento obtido. E, aos 33 m., repetiram a proeza: num cruzamento, aparentemente sem qualquer perigo, José Pereira saiu em falso e o esférico foi parar aos pés de GABRIEL que, completamente só, não perdoou.

No segundo tempo, os jogadores do Beira-Mar entraram de rompante, mas sem resultados práticos, porque a sua linha avançada complicava os lances de tal maneira que raramente atinava com a baliza contrária.

Porém, aos 53 m., CLEO arrancou um *petardo*, de fora da grande área, conseguindo reduzir a diferença. Mas este golo, em lugar de trazer ânimo à turma de

Continua na página sete

O JOGO VISTO PELO PÚBLICO

Nesta nova rubrica, que aparece hoje pela primeira vez, e cuja periodicidade dependerá do acolhimento e interesse que viermos a ter, entre os leitores e entre os nossos entrevistados, pretendemos contribuir — de forma válida e positiva — para a valorização do team do Beira-Mar. Julgamos, de facto, que trazendo a lume críticas honestas, auscultando o parecer do público anónimo (mas nestas colunas sempre identificado), podemos levar preciosas achegas aos responsáveis pela equipa. É bem certo o ditado «cada cabeça, sua sentença». Mas, até na diversidade de opiniões que surjam sobre um mesmo caso, alguma luz se fará, alguma coisa de positivo poderá surgir e ficar. E como noutro conhecido aforismo se diz que «a voz do povo é voz de Deus» — certamente todos terão sempre uma quota parte de razão que importará reconhecer. Necessário é que se crie um clima de total abertura às razões alheias, sabendo tirar delas os ensinamentos devidos.

●

Esta semana, falámos com quatro aveirenses, todos eles associados do Beira-Mar. A todos pedimos uma opinião sobre o jogo de Vale de Cambra e sobre o comportamento da turma aveirense no aludido encontro. Vejamos, adiante, as respostas que obtivemos dos nossos amáveis interlocutores.

JOÃO PEREIRA DE LEMOS (sócio 875), desenhador na Celulose, disse-nos:

Não fiquei satisfeito, na medida em que esperava muito mais do Beira-Mar. Explico porquê: confiava nos valores individuais que compõem a equipa e esperava uma vitória, embora sabendo de antemão que o Valecambrense era uma turma combativa e difícil, pelos bons resultados feitos na época finda.

Na primeira dezena de minutos, ou pouco mais, a turma aveirense demonstrou tal superioridade técnica — especialmente por intermédio dos homens de meio-campo, que dominavam o jogo —, que toda a gente, inclusive os próprios adeptos do Valecambrense, se convenceu de que o Beira-Mar acabaria por ganhar o desafio. Entretanto, surgiram dois golos pouco normais, daqueles golos surgidos inesperadamente, contra a chamada corrente do jogo, que alteraram a fisionomia do encontro. O Valecambrense, moralizadíssimo, passou, de certo modo, a dominar em força; o Beira-Mar, sem grande força no ataque, surgiu, após o reatamento, com maior determinação, mas actuou sem extremos e com pouca profundidade nos dois centro-avançados. Reduzindo a marca para 1-2, pensou-se que o Beira-Mar encontrasse incentivo para que a equipa se lançasse ao ataque, na procura duma

Continua na página sete

COMPETIÇÕES DA A. F. de AVEIRO

A Associação de Futebol de Aveiro prepara o próximo início de mais uma temporada oficial, em que teremos em actividade, nas várias categorias, 79 equipas, em representação de 32 clubes, fazendo movimentar para cima de um milhar de futebolistas.

No próximo dia 25, efectuam-se já os sorteios dos jogos da I Divisão e Reservas, ambos com começo marcado para 6 de Outubro. Na I Divisão, concorrem as seguintes equipas: Recreio de Águeda, Arrifanense, Ovarense, Alba, Paços de Brandão, S. João de Ver, Cesarense, Oliveira do Bairro, Paivense, Esmoriz, Bustelo, Anadia, Cucujães, Valonguense, Pejão e Estarreja.

Na prova de Reservas, inscreveram-se estes clubes: Macinhatense, Ovarense, Sanjoanense, Valecambrense, Arrifanense, Feirense, Ginásio de Arouca, Mealhada, Lusitânia, Recreio de Águeda, Alba e Olivei-

Continua na página sete

Basquetebol

AS PROVAS DA NOVA ÉPOCA

A Federação Portuguesa de Basquetebol, de acordo com o que se encontra regulamentado, acaba de dar conhecimento das datas previstas para o início das várias provas obrigatórias do seu calendário, para a época de 1968-1969, que principiou em 1 do corrente.

Ao mesmo tempo, foi distribuído o novo Regulamento das Provas Oficiais, aprovado por despacho ministerial de 2 de Agosto, para vigorar já na presente época.

De quanto se refere nos aludidos textos, respigamos o que reputamos de maior interesse para a nossa região — afastada, como oportunamente referimos, do Campeonato Nacional da I Divisão.

Começamos, portanto, pela II Divisão. São concorrentes, de inscrição obrigatória, 32 equipas, divididas em duas zonas (Norte e Sul), por sua vez constituídas por duas séries de oito equipas cada.

Na fase inicial, disputada a duas voltas, apuram-se os vencedores de séries. Começo da prova: 4 de Janeiro de 1969. Em 15 de Março, haverá os desempates que

Continua na página sete

ATLETISMO

em Ovar

O Grupo Atlético Vareiro acaba de se filiar na Associação Portuense de Atletismo e está disposto a fazer renascer o entusiasmo com que, há anos, a modalidade se praticou em Ovar.

Assim, e para já, contando com o patrocínio da Junta de Turismo do Furadouro e a assistência técnica da Associação Portuense de Atletismo, o G. A. V. organiza, em

Continua na página sete

XADREZ DE NOTÍCIAS

Gorou-se o projectado regresso do futebolista Lázaro ao Beira-Mar. O jogador já alinhou pelo Leixões, no pretérito domingo.

Manuel Alves Barbosa, do Sporting de Aveiro, obteve o quarto lugar no Campeonato Internacional de Motonáutica da Praia da Rocha — prova realizada no último fim-de-semana e directamente transmitida pela R. T. P., em reportagem de muito pouco agrado e reduzido interesse, pela «amostra» a que assistimos no sábado...

A Comissão Organizadora da Associação de Patinagem de Aveiro transferiu, para datas a designar, em Outubro próximo, o II Torneio de Propaganda, em que devem participar Académica, Galitos, Sport e Termas.

Entretanto, na Curia, jogam amanhã, à tarde, o Galitos e o Termas, que voltam a defrontar-se, em S. Pedro do Sul, no próximo sábado.

A Comissão Central dos Juízes de Basquetebol promoveu, em Aveiro, na manhã do último domingo, exames escritos para classificação de árbitros de 1.ª, 2.ª e 3.ª categoria entre os filiados da Comissão Distrital.

Em desafio particular de hóquei em patins, realizado na Marinha Grande, no sábado, o Sporting Marinhense derrotou o Galitos por 6-5.

Ciclismo

XVII VOLTA A ÍLHAVO

No último domingo, disputou-se, em duas etapas, a XVII Volta Ciclista ao Concelho de Ílhavo, competição para «populares» que sempre se reveste de muito interesse e entusiasmo.

Nas tabelas de classificação fi-

Continua na página sete

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo